

DESVENDANDO “A VISÃO DAS PLANTAS”

de Djaimilia Pereira de Almeida
por Crís Oliveira



SELO DIGITAL
Página 23

Créditos: Imagem gerada com Inteligência Artificial, 2025.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor, nos termos da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos estão reservados pela



Tel: (11) 99152-6910
<https://tudodetexto.com.br/>

EDITORA CHEFE

Cris Oliveira

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Cris Oliveira - criação e texto

Thaís Gomes - arte e supervisão

Nicolli Oliveira - revisão

REVISÃO FINAL E COTEJO

Cris Oliveira

Thaís Gomes

Fabiana Mengarda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Cris

Desvendando a visão das plantas : de Djaimilia
Pereira de Almeida [livro eletrônico] / Cris
Oliveira. -- São Paulo : Ed. da Autora, 2026. --
(Desvendando ; 1)

PDF

ISBN 978-65-02-03364-7

1. Africanidade 2. Análise literária 3. Literatura
(Vestibular) 4. Mulheres na literatura I. Título
II. Série.

26-350062.0

CDD-801.95

Índices para catálogo sistemático:

1. Análise literária 801.95

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

ÍNDICE

- 4. POR QUE LER A VISÃO DAS PLANTAS NÃO SOMENTE PARA O VESTIBULAR?
- 5. CARTA AO JOVEM LEITOR
- 7. UMA PROSA POÉTICA POTENTE QUE QUESTIONA O MAL
- 10. O PERSONAGEM CENTRAL
- 12. PANO DE FUNDO
- 14. COMO ISSO NOS É CONTADO?
- 17. MÃOS QUE SE SUJARAM DE SANGUE CULTIVAM UM BELO JARDIM
- 20. A CONTRIÇÃO DOS PECADOS
- 22. INTERTEXTUALIDADE: OS PESCADORES, DE RAUL BRANDÃO
- 25. A CASA - IMPORTANTE PERSONAGEM
- 28. O MAR COMO SIMBOLOGIA PROFUNDA
- 31. A VISÃO DAS PLANTAS: QUEM OLHA?
- 35. A MENINA HOLANDESA E A COZINHEIRA: OS FANTASMAS DO PASSADO
- 38. MANUEL - O SÍMBOLO DA HUMANIDADE E DO AFETO
- 41. HIBRIDISMO ESTÉTICO: ENTRE O MAR, A TERRA E A MEMÓRIA
- 43. PERSONAGENS DE "A VISÃO DAS PLANTAS"
- 47. CONTEXTO HISTÓRICO
- 49. AUTORA CONTEMPORÂNEA - POESIA, FILOSOFIA, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA
- 52. BANCO DE QUESTÕES, COM GABARITO COMENTADO
- 56. TEMA DE REDAÇÃO EXCLUSIVO

POR QUE LER A VISÃO DAS PLANTAS NÃO SOMENTE PARA O VESTIBULAR?

Ler *A visão das plantas* é mais do que se preparar para uma prova de exame vestibular ou do colégio. Trata-se de uma obra que, com delicadeza e coragem, aborda aquilo que ainda costuma ser ignorado em algumas sociedades. É um romance para nos lembrar que o passado não desaparece apenas por ter ficado para trás - ele cresce em silêncio, como raízes profundas, apontando que, as ações em vida, não podem ser ignoradas nem na morte. Djaimilia nos oferece uma narrativa que convida à reflexão a respeito da memória, violência, envelhecimento e humanidade. Em tempos que pedem consciência e responsabilidade, este livro devolve ao leitor a possibilidade de pensar com calma, com poesia e sem qualquer tipo de juízo de valor.

CARTA AO LEITOR JOVEM

Querida leitora, querido leitor,

Desvendando “A visão das plantas” foi pensado para acompanhar você na travessia de uma obra que é tão bonita quanto desafiadora, uma vez que não traz respostas prontas, ao contrário, pois elabora perguntas que não são tão fáceis de serem respondidas, se é que poderão ser.

Ao caminhar por estas páginas, permita-se sentir o desconforto, a beleza, a dúvida. Saboreie cada palavra. A literatura contemporânea de Djaimilia floresce como o jardim de Celestino: algumas flores brotam logo; outras, quando a Natureza permite. Que este livro ajude você a ver o romance por ângulos novos, e que cada capítulo lhe ofereça um pouco de companhia, reflexão e coragem para olhar o mundo com atenção. Boa leitura.

Crís Oliveira

[...] O capitão Celestino, que tendo começado a vida como pirata, a acabou como um santo, cultivando com esmero um quintal de que ainda hoje me lembro sem inveja. Falava pouco, Sorria sempre numa satisfação interior, completa, perfeita, com uma cara de páscoas rosada e inocente, enquadrada pela barba de passa-piolho toda branca. A sua vida anterior fora misteriosa e feroz. De uma vez com sacos de cal despejados no porão sufocar uma revolta de pretos, que ia buscar à costa de África para vender no Brasil. Outras coisas piores se diziam do capitão Celestino... Mas o que eu sei com exatidão a seu respeito é que para alporques de cravos não havia outro no mundo. Todo dia um fio de água escorrendo por condutos invisíveis de que só ele sabia o segredo, caía pingue-que-pingue nos alegretes caiados de branco; todo o dia o velho corsário, com mãos delicadas de mulher, tratava embevecido as flores cultivadas como filhas. E acabou assim a vida mondando e podando, sem uma dúvida na consciência tranquila [...].”

Raul Brandão, Os pescadores.

UMA PROSA POÉTICA
POTENTE QUE QUESTIONA
O MAL

Quem inicia a leitura de “*A visão das plantas*”, de Djaimilia Pereira de Almeida, sem uma contextualização prévia, costuma perder camadas importantes de significado desse livro potente e ganhador de vários prêmios internacionais, como o *Oceanos*, em 2020. Publicado em Portugal pela Relógio D'água Editores, em 2019; e no Brasil, em 2021, pela Todavia, traz em seu cerne, como aponta Socorro Acioli, em seu artigo disponibilizado pela Acervo Pernambucano [s/d], “*o que se ata em vida na morte não se desata*”, três grandes eixos para os quais temos de olhar com critério e muita sensibilidade.

A primeira questão envolve o tema central da obra, permanência da memória e esquecimento dela; a segunda, as perguntas que o livro levanta para o leitor a respeito de quem tem responsabilidade pelas ações atrozes promovidas pelo homem, as mãos violentas ou o *status quo*; e, por fim, como a narrativa vai sendo apresentada em uma beleza espantosamente poética, mesmo tratando de um assunto tão espinhoso: o mal contido no passado e no presente, de uma forma nada maniqueísta.



Créditos: Imagem gerada com Inteligência Artificial, 2025.

Djaimilia tece essas interrogações, que não são explícitas - traço de sua escrita contemporânea potente -, dialogando com a literatura pós-colonial, expondo cicatrizes históricas coloniais sem recorrer a uma narrativa linear ou didática. Isto é, a autora, por meio de uma prosa poética - quase lírica - tensiona memória e esquecimento, silêncio e denúncia.

Assim, ao escolher Celestino como representação simbólica de um passado coletivo, de uma estrutura que atravessou gerações, sugere a indagação a respeito da responsabilidade, da desigualdade social e da impunidade que marcou a trajetória dos colonizadores. Ou seja, ela recupera experiências apagadas e ignoradas pela história oficial, a partir de uma universalização de episódios específicos do passado colonial português, dialogando com temas como culpa, justiça e humanidade. Embora a narrativa se passe em Portugal e não cite uma região específica do país, ultrapassa fronteiras, trazendo discussões sobre a ética presente/ausente no mundo.



O PERSONAGEM **CENTRAL**

É o capitão Celestino, um ***corsário*** que viveu grande parte de sua existência no mar, realizando o transporte de homens, mulheres e crianças para serem comercializados.

VERBETE GUIA

Corsário: substantivo masculino.

1. marinha. navio que faz corso.
2. navio que promove pirataria.
3. pirata.

Quando ele pressente que sua vida está se encaminhando para o final, retorna à casa de sua infância, localizada em um pequeno vilarejo português, sem que haja qualquer ente vivo à sua espera. Isolado do convívio social, decide cultivar um jardim, no intuito de passar os dias na esperança de que a morte o acolha. Curiosamente, esse espaço florescerá sob seus cuidados, ganhando caráter simbólico e revelando a ambiguidade de um homem que semeou a destruição, a morte e agora se dedica à vida.

“[...] o tremor das mãos pelo passado que não passava, a cadência, a natureza, o sol, as folhas tudo estava lá, as flores eram suas, o mar era também ele [...].”



Créditos: Imagem gerada com Inteligência Artificial, 2026.

Em um dado momento da narrativa, Celestino passa a ser assombrado pelos fantasmas de uma mulher negra, que fora assassinada por ele; e o de uma criança - a menina holandesa, deixada para morrer amarrada a uma árvore em uma floresta remota, durante a juventude do capitão. Essas figuras surgem para lembrarmos da violência no passado da personagem, e da impossibilidade do esquecimento - algo que vai sendo presenciado pelas plantas que crescem formosas e em silêncio em seu belo jardim, sem julgar qualquer que tenha sido a ação promovida pelo seu cuidador.

PANO DE FUNDO

Aparentemente, é uma narrativa cuja pretensão parece ser a de contar os dias finais deste homem idoso, figura bastante contraditória; contudo, seu pano de fundo atravessa um período sombrio da história que une Portugal e Brasil: o tráfico negroiro, entre os séculos 18 e 19. Esse contexto histórico é fundamental para se compreender a complexidade moral da obra e que, por meio da qual não se faz julgamentos das ações promovidas por homens brancos colonizadores. Estima-se que ao menos 12 milhões de africanos tenham sido traficados à força para as Américas, sendo que desses, 5 milhões vieram para o Brasil, fazendo do país o que mais mercantilizou pessoas nessa condição assombrosa. Os navios negreiros eram superlotados, com altas taxas de mortalidade devido às condições insalubres e aos maus-tratos sistemáticos.

Ao término da comercialização de pessoas, estas não tiveram meios para serem aceitas devidamente na sociedade colonizada, tampouco foram acolhidas por algum tipo de política pública que permitisse ter uma vida distinta da vivência do racismo, violência e desigualdade social, traços que permanecem até hoje onde esse ciclo ocorreu. Isso tudo, sem desconsiderar que no continente africano, onde a colonização e o tráfico foram intensos, há cicatrizes profundas e estruturais, cujos impactos combinam heranças de esvaziamento demográfico, fragmentação política e fronteira, enfraquecimento dos Estados, violência e insegurança generalizadas em relação à população mais pobre, imposições culturais e dependência econômica de produtos primários.



Créditos: Wikimedia Commons, 2016.

COMO ISSO NOS É *CONTADO?*

É nesse contexto que a trajetória de nosso corsário Celestino vai sendo rememorada, de maneira nua e crua, através de um narrador observador (terceira pessoa), quase onisciente, mas que, ao assumir esse contorno, não faz juízo de valor, não julga as ações de Celestino, somente nos apresenta os dias restantes do pirata e algumas de suas memórias, de forma não linear. Isto é, não há uma marcação temporal cronológica que nos oriente a respeito de quanto tempo Celestino passou no mar, ou na vila onde viveu sua infância. Sabemos apenas que o enredo se desenvolve no final do século 19, período em que ocorre a decadência do tráfico de escravizados negros. Há, por razões estilísticas e bem intencionais da autora, a presença de um fluxo de consciência - e aqui mora uma das primeiras indagações a que somos postos: será que Celestino está arrependido de tudo o que fez ou há falta de remorso?

Vale notar que o fluxo surge na voz do ex-capitão, em momentos tragicômicos - quando conta às crianças curiosas em relação à sua figura seus feitos, suas lembranças, marcando a presença da memória que o acompanha, que se assemelha a uma catarse delirante, entretanto, que deixa em aberto, por meio do fluxo discursivo, a reflexão a respeito do que está sendo dito.

VERBETE GUIA - CATARSE

- 1.** Na psicologia, trata-se da liberação de emoções ou tensões reprimidas, comparável a uma ab-reação.
- 2.** Na religião, medicina e filosofia da Antiguidade grega, libertação, expulsão ou purgação do que é estranho à essência ou à natureza de um ser e que, por isso, corrompe-o.

Nesse momento belíssimo do livro, aliás, há um prenúncio de uma *contação de histórias, de maneira lírica*, o narrador evidencia que a casa era vista como assombrada pelas narrativas que se contavam a respeito dele; nem os cães se atreviam a mexer com o capitão, que eram afastados a pauladas e recebiam promessas de morte.

“[...] Venham crianças, o que querem que conte para vocês? Queria ser homem e dono da casa. Querem amoras? De que valia a plateia se tudo inventava?[...]”.

Para afastar a população, construiu um espantalho. E na vila, todos diziam que Celestino tinha “*vendido a alma ao diabo*”. Diziam que ele falava a língua dos pretos à noite. Ou seja, havia muitas narrativas em torno daquele que se sabia ter matado mais de um milhar de pretos.

“[...] as pessoas riam, e as crianças brilhavam de curiosidade e de medo do capitão Celestino [...] que fazia tudo para mantê-los longe de seu jardim. Apesar disso, ele deixava sempre um pires com goiabada e queijo para as crianças que se empoleiravam no muro para tentar ver alguma coisa [...]”

Nota-se uma dubiedade enorme que fica como reflexão para o leitor, algo que Djaimilia deixa claro em todas as suas entrevistas a respeito de como conduziu a criação de “*A visão das plantas*”. Ela não quis, em momento algum, trazer uma resposta para as ações cometidas por Celestino que, em verdade, é uma representação do colonizador. Cabe, portanto, ao leitor, examinar a respeito do que foi esse processo histórico, tão marcado por violência e horror dos dois lados: de quem promoveu os horrores; e da sociedade que os observou como algo naturalizado.



MÃOS QUE SE SUJARAM
DE SANGUE CULTIVAM
UM **BELO JARDIM**

Já temos a informação de que Capitão Celestino é um corsário, pirata, saqueador, contrabandista - vendedor de escravos. Descrito como jardineiro, tinha segredos contados às plantas, que, como o próprio narrador diz *“ninguém quer saber”*, (ou a nação evitou lidar com a violência e as consequências dela), - isso porque não se discute com profundidade, tampouco se resolvem as feridas e as máculas deixadas pela escravização. Ou seja, a responsabilidade histórica, o peso da violência não reparada e os paradoxos humanos entre destruição e cuidado, morte e vida. Nesse viés, esquecimento e memória vão sendo descortinados na figura desse homem que representa, simultaneamente, a violência versus a delicadeza e o afeto, ao cultivar um jardim que floresce de maneira esplêndida.

No passado, todavia, foi capaz de jogar cal no porão de uma embarcação em que centenas estavam amontoados - para conter uma revolta -, e no final da vida, acaricia azevinhos, cravos, roseiras, camélias, glicínias e todas as espécimes de plantas que floresceram das suas mãos, antes cheias de sangue, agora, cheias de terra.

“[...] as mãos que antes cheiravam a sangue agora exalavam o odor da terra e das flores [...] a vida regressava à medida que ele ia mexendo no jardim [...]”.

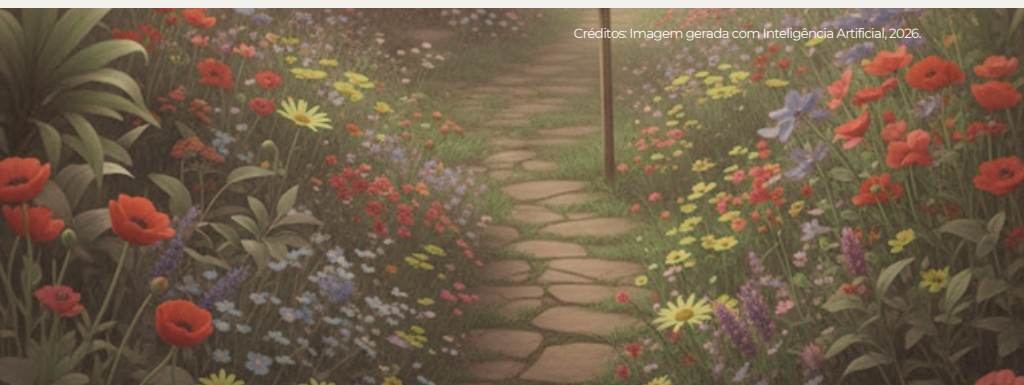
Um mês depois de sua chegada ao antigo vilarejo, tinha se livrado de quase tudo na casa - móveis velhos e carcomidos foram jogados no lixo; retirou os lençóis das janelas, ateou fogo nas roupas gastas das mulheres em uma vala. Nesta última ação, a cena revela-se como uma metáfora para o que fizera ao longo de sua vida com os negros comercializados.

Em pouco tempo, já conseguia ouvir os próprios passos no ranger das tábuas, evidenciando a solidão em que se encontrava, mas que, contraditoriamente, *“era música para seus ouvidos”*. Quando observamos essa passagem pelo olhar da psicanálise, esse é um estado de *estar consigo mesmo*, ouvindo e conseguindo (ou não) conviver nessa condição que, para o ex-capitão do mar, não o afligia. A partir disso, infere-se que Celestino tem como companhia as próprias memórias, das quais não se pode despregar. Isto é, o que se ata na vida, não se desata na morte.

É interessante pensar que o capitão está unido ao seu passado, sem contestá-lo, e por isso “nunca estamos sós, já que estamos com a parte que nos cabe, nós mesmos”, como afirma o psicanalista Christian Dunker [2025, p. 37]. E ao longo da leitura de “*A visão das plantas*” não se tem certeza de qualquer tipo de remorso, peso ou dor transparecidos na solidão presente de Celestino, ficando para o leitor, essa análise interpretativa à luz da história da colonização e da universalidade humana.

O que mais chama atenção, porém, é o contorno que Celestino vai dando para os seus dias: o plantio de um jardim. No quintal da casa velha, o qual é revirado pelo corsário, quase cego, que estava esperando o fim de sua vida, passou a ser rodeado por plantas que não falavam, não julgavam, somente observavam. Há uma relação nessa passagem, muito interessante, com as estações do ano - os encantos da Primavera, as sobras do Outono e os despojos do Verão -, representando a memória do que fora um dia o capitão, opondo-se à vida sendo construída ali.

“[...] Ele sabia que a Natureza conspira para nos adormecer [...]”



Créditos: Imagem gerada com Inteligência Artificial, 2026.

FIQUE LIGADO - O termo Natureza é personificado na narrativa, vide graficamente, pois no livro está com letra maiúscula. Ela enxerga, acompanha e não promove qualquer juízo de valor em relação às ações promovidas pelo ex-capitão em seu passado violento. E tudo é no tempo é dela: do que vive, do que morre e do que renasce.

A CONTRIÇÃO DOS *PECADOS*

Em várias passagens, o narrador faz questão de afirmar que Celestino *era gente somente ao leme* (Celestino = mar e sal x céu x vento x tormenta x gota x cheiro x proa x leme = humano), e tão logo a notícia de seu retorno à casa antiga de seus pais se espalha pela vila, uma personagem de peso, Padre Alfredo, vai fazer-lhe uma visita para averiguar as condições em que o velho capitão vivia.

“[...] Era muito asseado, barba longa, branca, olhos azuis, nariz pontiagudo, o olho miúdo, as maçãs do rosto cortadas por dois veios paralelos ao nariz; usava sobretudo cinza, chapéu de feltro que chamava a atenção das pessoas da vila. Tinha um rosto fechado, de poucos amigos, uma pala de cobrindo um olho. [...]”

INTERESSANTE - Cabe aqui ainda mais um fato interessante sobre o capitão celestino. Ele tinha o corpo com muitas tatuagens e cicatrizes, que poderiam, metaforicamente, ser associadas a um mapa de navegação. Cada tatuagem, cada cicatriz, um lugar pelo qual passou, um evento vivido.

Era uma figura que inspirava aventuras misteriosas, crianças curiosas e histórias noturnas nos leitos dos casais do local. O padre quer que o corsário “*confesse todos os seus pecados*”,

“[...] cortou a cabeça de um anão, rachou uma mulher ao meio, foi lá no Congo e ateou fogo a um elefante, guarda caveiras nas arcas das roupas, encanta serpentes à luz da Lua. [...]”

entretanto, o único tema que lhe importava era o jardim - falava sozinho enquanto o pároco insistia na presença do pirata na igreja. Mas Celestino refutava com “*ninguém quer saber do meu jardim*”, como se falasse de amores de uma vida inteira.

“[...] durante dois anos ninguém se aproximou do portão - porque as fofocas sobre o capitão ganharam vida própria - padre fofoqueiro “seria ele o diabo em pessoa?” [...] quem dera Raul ter um roseiral bonito como aquele [...]”.

INTERTEXTUALIDADE:
OS PESCADORES,
DE RAUL BRANDÃO

Um outro aspecto muito interessante e que não passa batido é a intertextualidade que a obra faz com o livro “Os pescadores”, de Raul Brandão. Na epígrafe de “A visão das plantas”, Celestino, personagem é citado de forma misteriosa por Brandão. Djaimilia, que afirma ser este o seu livro de cabeceira, toma de empréstimo o Celestino de Raul, dando-lhe uma roupagem profunda em seu romance.

“[...] as marés pareciam mais certas que a vida em terra até o padre tinha medo dele (som de suas botas eram conhecidos) - talvez não gostasse das pessoas, talvez não o soubesse plantava as flores de seu sepulcro [...]”.

SAIBA MAIS - *Os Pescadores*, publicado por Raul Brandão em 1923, reúne relatos que percorrem o litoral português do Minho até ao Algarve. Brandão passa por comunidades como Caminha, Póvoa de Varzim, Leixões, Murtosa, Mira, Nazaré, Peniche, Sesimbra e Olhão, aproximando o leitor do cotidiano de quem vive do mar. Ao longo do livro, o autor combina observação sensível e linguagem carregada de poesia. Ele retrata paisagens, conversas, modos de falar e pequenas cenas do dia a dia, deixando clara a empatia que sente pela rotina dura e, ao mesmo tempo, profundamente humana dos pescadores.

A escolha de Djaimilia Pereira de Almeida ao recuperar o Celestino mencionado por Raul Brandão - um personagem quase fantasmático, surgido apenas em poucas linhas de *Os Pescadores* - funciona como uma chave de expansão literária. Brandão o apresenta como uma figura enigmática, um pirata que termina a vida serenamente dedicado às flores; Djaimilia, por sua vez, toma esse esboço e o aprofunda radicalmente, transformando-o em símbolo das contradições do colonizador.

VERBETE GUIA

substantivo feminino

1. m.q. INSCRIÇÃO ("palavra ou frase que se grava").

2. título ou frase que, colocada no início de um livro, um capítulo, um poema etc., serve de tema ao assunto ou para resumir o sentido ou situar a motivação da obra; mote.

O Celestino “*de lá*”, apenas sugerido no trecho que está na epígrafe em “*A visão das plantas*”, ganha uma história inteira que expõe aquilo que Brandão apenas pressentiu: a coexistência entre violência e delicadeza, culpa e silêncio, destruição e cuidado. Assim, a intertextualidade não é apenas homenagem, mas um gesto de amplificação ética e estética - Djaimilia pega a sombra deixada por Brandão e a converte em um corpo completo, revelando o que estava latente na literatura portuguesa e na própria história que ambos evocam.

VERBETE GUIA e EXPLICAÇÃO - A palavra “latente”, termo que muitas vezes é cobrado em questões abordando sentido das palavras, embora seja largamente usada com o sentido de “gritante”, “evidente”, não tem esse significado. Observe:

Latente

adjetivo de dois gêneros

1. não aparente, não manifesto; oculto, encoberto. “perigo, conflito”.
2. que existe em forma adormecida ou reprimida; encoberto, subentendido, disfarçado.



Créditos: Imagem gerada com Inteligência Artificial, 2026.

A CASA - *IMPORTANTE PERSONAGEM*

A casa onde Celestino retorna para morrer não é apenas cenário no livro: ela é tratada como um corpo vivo. A construção “*dança*” ao vento, tem pele marcada pelo tempo, janelas que funcionam como olhos fechados e respira em silêncio ancestral. Quando o capitão chega, teme até que a alma daquele lugar - uma alma antiga, sensível e talvez mais lúcida do que a sua - pudesse escapar pela janela e perder-se na rua. Essa sensação de presença quase humana surge pelo discurso indireto livre que Djaimilia utiliza para fundir pensamento e ambiente, memória e arquitetura.

“[...] tem pele, lambida pelo vento, sem a presença de viventes nela, não era uma pessoa pelo tempo, olhos fechados que eram as janelas “capitão teve medo de que a alma da casa saísse pela janela e se perdesse na rua.[...]”

RELEMBRANDO - O discurso indireto livre é um fluxo de pensamento, isto é, o narrador não traz a “fala” da personagem, mas revela durante a narração o que a personagem está pensando.



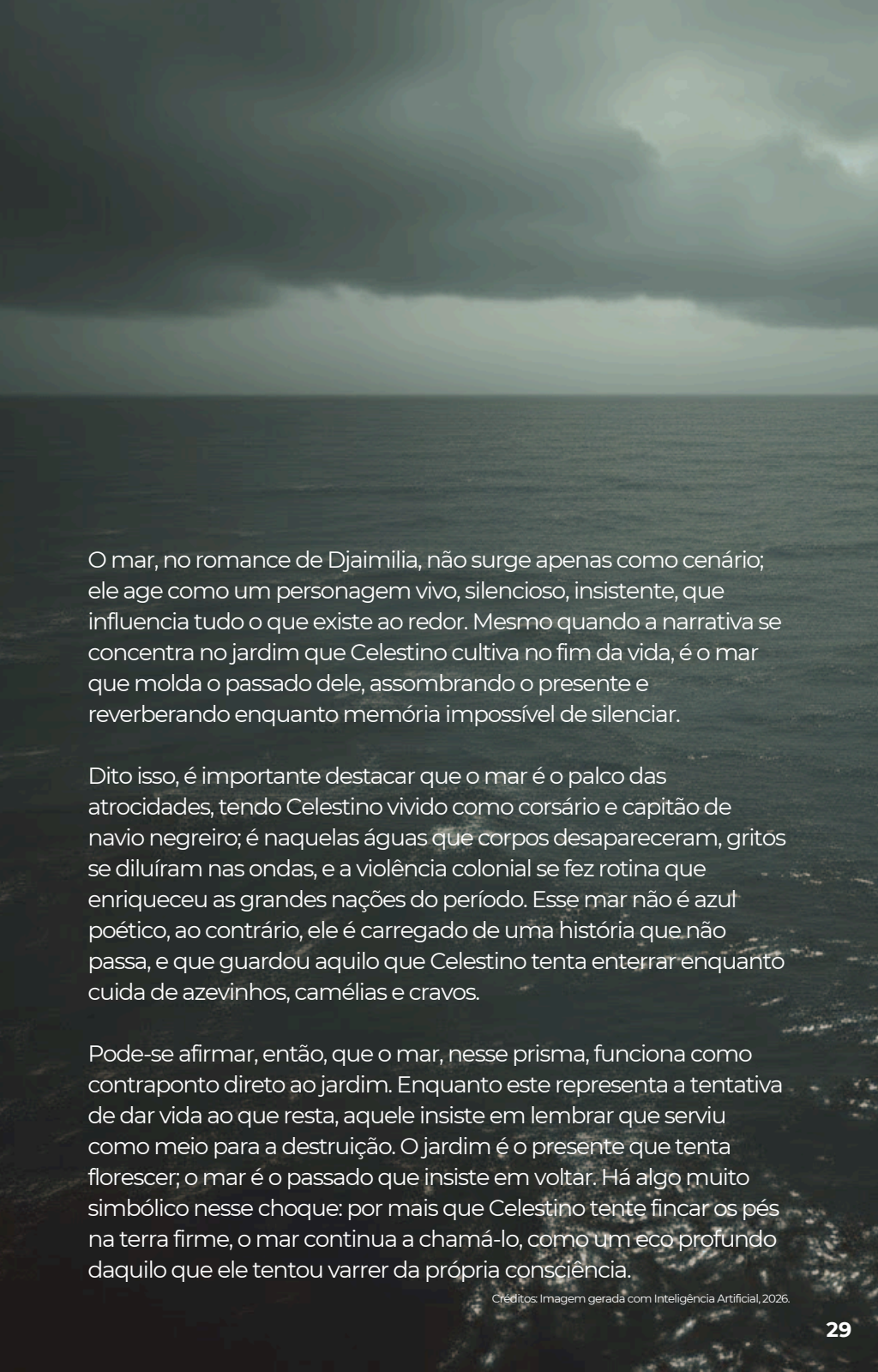
Nesse viés, a casa que, embora nunca tenha matado ninguém, carrega cicatrizes: paredes que rangem, madeira envelhecida, objetos que guardam dores mudas. Ela é tão velha quanto o herdeiro que a habita e, assim como ele, parece carregada de histórias que não foram contadas. Entre os dois - homem e construção - forma-se uma relação simbólica: nenhum deles é gente, mas ambos são companhias possíveis para o fim da vida.

“[...] O que havia de fazer agora que seus dias estavam perto do fim, a casa não havia matado ninguém, apesar de ostentar cicatrizes e conter dores mudas. [...] A casa e o herdeiro estavam velhos, não sendo gente, era a companhia que ele não tratara de merecer, um jazigo para o seu coração [...]”.

Ao acolher Celestino, ela funciona como espécie de jazigo antecipado, um lugar onde seu coração pode repousar sem ser julgado. É nela que o corsário enfrenta o que nunca enfrentara no mar: o silêncio, o peso das lembranças e a presença de si mesmo. Portanto, personificada e afetiva, representa o espaço em que a memória se condensa e nada pode mais ser evitado.



O MAR COMO *SIMBOLOGIA PROFUNDA*



O mar, no romance de Djaimilia, não surge apenas como cenário; ele age como um personagem vivo, silencioso, insistente, que influencia tudo o que existe ao redor. Mesmo quando a narrativa se concentra no jardim que Celestino cultiva no fim da vida, é o mar que molda o passado dele, assombrando o presente e reverberando enquanto memória impossível de silenciar.

Dito isso, é importante destacar que o mar é o palco das atrocidades, tendo Celestino vivido como corsário e capitão de navio negreiro; é naquelas águas que corpos desapareceram, gritos se diluíram nas ondas, e a violência colonial se fez rotina que enriqueceu as grandes nações do período. Esse mar não é azul poético, ao contrário, ele é carregado de uma história que não passa, e que guardou aquilo que Celestino tenta enterrar enquanto cuida de azevinhos, camélias e cravos.

Pode-se afirmar, então, que o mar, nesse prisma, funciona como contraponto direto ao jardim. Enquanto este representa a tentativa de dar vida ao que resta, aquele insiste em lembrar que serviu como meio para a destruição. O jardim é o presente que tenta florescer; o mar é o passado que insiste em voltar. Há algo muito simbólico nesse choque: por mais que Celestino tente fincar os pés na terra firme, o mar continua a chamá-lo, como um eco profundo daquilo que ele tentou varrer da própria consciência.

É preciso também tratar da solidão representada pelo mar. Quando retorna ao vilarejo onde nasceu, Celestino não encontra mais nenhuma vida humana esperando por ele - apenas as águas salgadas, sempre ali, indiferentes. A imensidão marítima espelha o vazio que ele carrega, as lacunas da memória, o cansaço da velhice. O mar, portanto, não denuncia nem consola, somente observa de maneira silenciosa, conferindo ao protagonista a sensação de estar sendo constantemente lembrado daquilo que não desatou na vida.

Por fim, entendemos esse símbolo enquanto metáfora colonial a desbravar e a romper fronteiras, uma vez que ele foi o caminho entre a Europa e as costas africanas, o corredor por onde passaram centenas de navios, mercadorias comercializadas. As águas azuis, tais como os olhos Celestino, e o céu que nele se espelha, ligaram-se à própria violência, carregando, ainda, o que muitos preferem esquecer: as travessias forçadas, a exploração, o horror que sustentou uma aparente normalidade na terra firme.

De tal maneira, o mar dentro do romance é a presença que ultrapassa a paisagem, isto é, memória, culpa, silêncio, testemunha e, sobretudo, o lembrete das ações promovidas naquele mundo, que continua a reverberar, mesmo quando cresce um jardim repleto de flores.



A VISÃO DAS PLANTAS: *QUEM OLHA?*

Em “*A visão das plantas*”, o olhar não é humano - é metafórico. O romance desloca o centro da percepção: o que vemos não é o que Celestino vê, nem o que o narrador observa, mas o que as plantas são capazes de enxergar, e se falassem, o que trariam de reflexão. E, justamente por serem plantas, há um mundo sem julgamento, sem memória, sem culpa e sem afeto, normalizando o que existe porque cresce. Djaimilia opta, claramente, por uma escrita poética para falar de horrores da história, e põe como centro um jardim, representando a sociedade que vê, mas se deixa como espectadora, sem ponderar entre o certo e o errado.

DETALHE - As plantas observam o jardim como plantas: sentem luz, sombra, umidade, vento, o peso do tempo uma referência direta aqui ao heterônimo de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro. “[...] *as plantas não sentem, porque se sentissem eram gente [...]*”.

As plantas do jardim de Celestino não distinguem o assassino do jardineiro, não se comovem com o gesto cuidadoso, não agradecem a água que recebem, não temem a mão que poda. Na visão silenciosa, o ex-capitão não é monstro nem santo: é simplesmente mais um corpo que se movimenta entre elas. O romance enfatiza isso com força: tanto faz que ele regue flores ou tenha sido responsável por mortes no mar; para as plantas, esse passado não tem peso. A memória, para elas, não existe como moral - mas como estação, como ciclo.

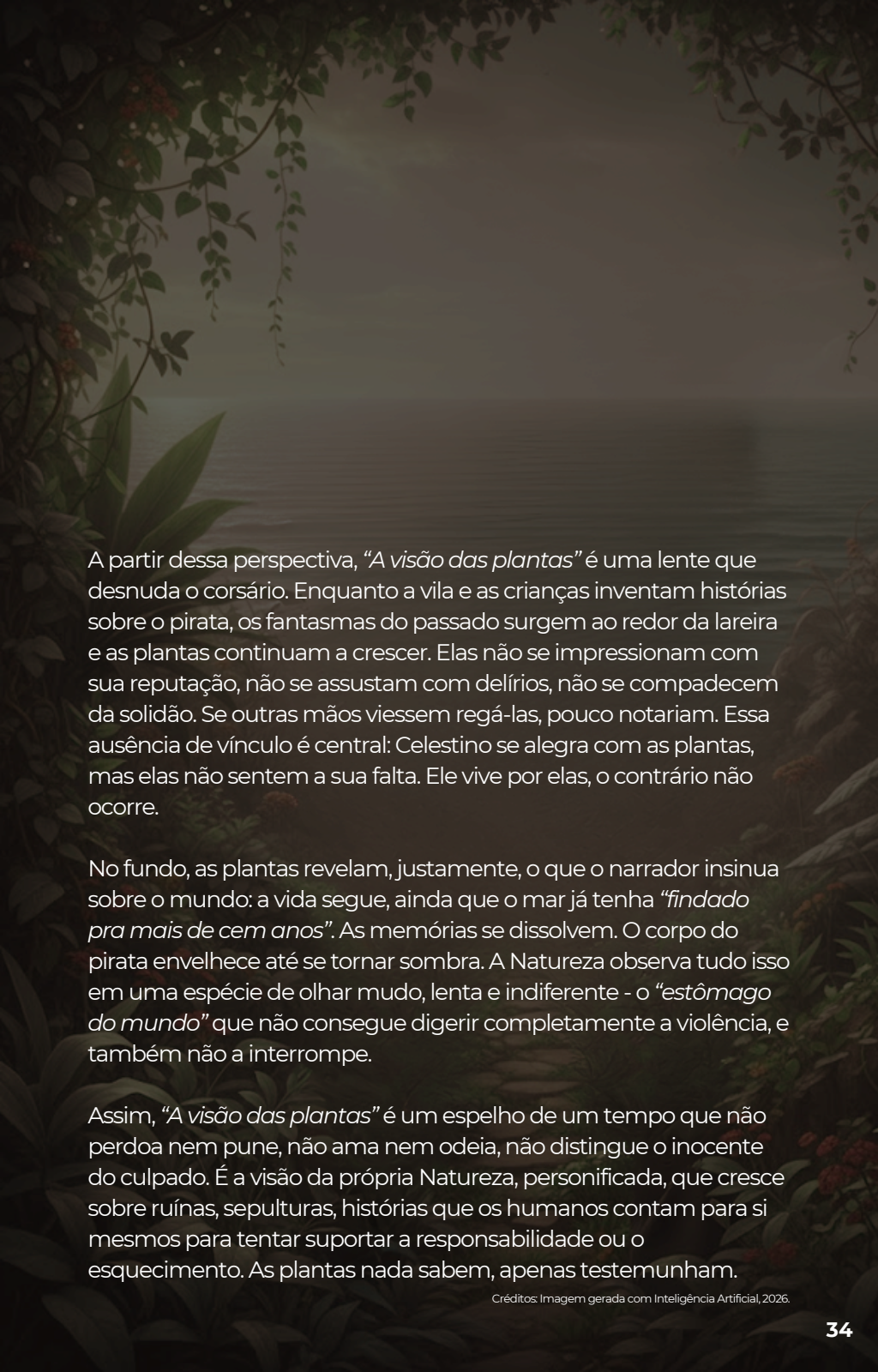
Essa indiferença vegetal desmonta a tentativa humana de encontrar expiação. Nenhuma flor lamenta os mortos do porão do navio, nenhuma folha se curva para honrar as vítimas. As plantas crescem porque crescer é o que sabem fazer.

“[...] *Eram seiva da mesma seiva, da mesma carne sem dó nem piedade [...]*”.

Acima, temos a frase que melhor sintetiza como elas veem o capitão: uma existência que não precisa perdoar porque não culpa; não precisa esquecer, porque não lembra; não se emociona porque não ama nem odeia.

Ao contrário de Celestino, que se encontra ora entre delírios, memórias e silêncios, as plantas são o próprio tempo sem sentença, algo simbólico que poderia estar associado até mesmo a como a sociedade se posiciona (ou não), em relação às atrocidades cometidas. Vale relembrar que, em outro momento aqui, citamos que a *Natureza*, ao longo do romance, está grafada com letra maiúscula, portanto, personificada. Nesse aspecto, ela tem o poder de conduzir o que permanece ou não. Ou seja, o *relógio* das plantas não julga nem absolve. Avança. Quando o narrador afirma que o capitão tinha “*uma planta no lugar do coração*”, o sentido não é de pureza, mas de uma frieza natural, de uma vida que segue sem tempo cronológico - uma vida que não para para olhar para trás. Como as plantas, Celestino vive sem analisar totalmente o que deixou no rastro; apenas cresce; ele envelhece e aguarda o fim, movido por um ritmo interior que a *Natureza* parece conhecer melhor que ele.





A partir dessa perspectiva, *“A visão das plantas”* é uma lente que desnuda o corsário. Enquanto a vila e as crianças inventam histórias sobre o pirata, os fantasmas do passado surgem ao redor da lareira e as plantas continuam a crescer. Elas não se impressionam com sua reputação, não se assustam com delírios, não se compadecem da solidão. Se outras mãos viessem regá-las, pouco notariam. Essa ausência de vínculo é central: Celestino se alegra com as plantas, mas elas não sentem a sua falta. Ele vive por elas, o contrário não ocorre.

No fundo, as plantas revelam, justamente, o que o narrador insinua sobre o mundo: a vida segue, ainda que o mar já tenha *“findado pra mais de cem anos”*. As memórias se dissolvem. O corpo do pirata envelhece até se tornar sombra. A Natureza observa tudo isso em uma espécie de olhar mudo, lenta e indiferente - o *“estômago do mundo”* que não consegue digerir completamente a violência, e também não a interrompe.

Assim, *“A visão das plantas”* é um espelho de um tempo que não perdoa nem pune, não ama nem odeia, não distingue o inocente do culpado. É a visão da própria Natureza, personificada, que cresce sobre ruínas, sepulturas, histórias que os humanos contam para si mesmos para tentar suportar a responsabilidade ou o esquecimento. As plantas nada sabem, apenas testemunham.

**A MENINA HOLANDESA
E A COZINHEIRA:**
OS FANTASMAS DO PASSADO

Entre todos os elementos que atravessam “*A visão das plantas*”, seguramente os mais inquietantes são a presença dos fantasmas da menina holandesa e da cozinheira negra. Elas não aparecem para assustar no sentido tradicional, mas para lembrar o silenciamento que a história, muitas vezes, varreu para não discutir o horror da escravidão e das violências cometidas contra mulheres em particular em alguns períodos da história. Essas personagens fantasmagóricas são presenças que emergem da fronteira tênue entre consciência e delírio de Celestino, acionando as memórias das ações do próprio capitão.

A menina holandesa surge primeiro na lareira, feita de brasas, como se fosse matéria de fogo - corpo que arde, dança, formando-se e desfazendo-se na chama. A aparição não é sobrenatural, é psicológica. Condensa aquilo que Celestino fez no passado: abandonou-a amarrada a uma árvore, com os olhos vendados. Não há grito ou acusação; apenas o gesto silencioso do reaparecer que perturba mais do que qualquer palavra. A menina não precisa pronunciar nada para lembrar-lhe que o passado não se desfaz com o tempo - apenas mudou de forma.



A cozinheira, por sua vez, é o fantasma da violência racial e do sistema escravista aos quais Celestino serviu durante toda a vida. Ela aparece como figura de peso, de sombra, de história encarnada, revelando aquilo que o romance insiste em mostrar: a memória da escravização não é individual, não é apenas de Celestino; é coletiva, estrutural, transbordante. Na narrativa, ela vem para equilibrar a aparição da holandesa, formando um par de espectros que materializa tanto a violência colonial quanto a incapacidade de reparação. Ambas - cozinheira e menina - são vidas que Celestino tocou de modo irreversível, e que agora atravessam o limiar do presente.

Ou seja, esses fantasmas não servem ao propósito de arrependimento final. Não há redenção possível porque não há pedido de perdão. Eles aparecem, simplesmente, como memórias que se recusam a morrer, sendo camadas que voltam à superfície, como restos de uma vida enquanto Celestino cuida do jardim. A culpa não se desdobra em confissão, porque não é declarada; o que se manifesta, por vezes, são delírios e fluxos de memória, como visões que surgem especialmente nas horas mortas, nos silêncios longos da casa, no calor hipnótico das brasas.

Assim, a menina holandesa e a cozinheira não são fantasmas no sentido clássico; são as partes que Celestino não desatou em vida, e não desatará na morte. Representam a memória viva que o acompanha mesmo quando ele está entre flores, raízes e terra. Enquanto a Natureza observa tudo com indiferença, essas figuras lembram que o humano não possui tal privilégio. A memória o persegue, o convoca, reaparece nos cantos escuros da casa, nas sombras que se movem ao cair da noite, nas histórias que as crianças repetem sem entender.

No fim, essas duas personagens mostram que aquilo que foi “atado em vida” continua a se manifestar. A aparição da holandesa, feita de fogo, e da cozinheira, feita de sombra e história, funciona como contraponto à visão vegetal: se as plantas nada julgam, os fantasmas lembram o que o mundo tenta esquecer. É nessa tensão - entre o silêncio da natureza e a insistência da memória - que Djaimilia localiza o destino de Celestino.

MANUEL - O SÍMBOLO *DA HUMANIDADE E DO AFETO*

Outro ponto interessantíssimo e sugestivo em “*A visão das plantas*” é a presença de um personagem que entra em cena em duas ocasiões: o jovem Manuel. Parente próximo de um conhecido de Celestino, representa, no conjunto do romance, a compaixão, o afeto, e a humanidade ausentes em nosso protagonista. Isso pode ser visto quando Manuel acompanha o corsário para ver os fogos da festa junina, uma vez que se encontra com a visão bem debilitada, e visivelmente com delírios mais recorrentes. Em um dado momento, Celestino “*desaparece*”, e o jovem sai à sua procura, encontrando-o muito tempo depois, na sarjeta, sujo e machucado. O jovem o leva para casa, com todo o afeto e o cuidado necessários e esperados que um sujeito idoso deveria receber.

Na segunda aparição, por sua vez mais significativa, ocorre um dia antes da morte do capitão, o jovem vai até a praia com o ex-corsário para que possam ver o mar.

“[...] Manuel veio buscá-lo para o levar a ver o mar. Foi a custo que o arrancou de casa, com a camisa fora das calças encardidas, as botas desabotoadas. [...] O velho olhava o mar sem noção da caridade do rapaz, que só queria estar perto de um pirata a sério. [...] De costas, pareciam um velho a contar uma história a um rapaz. A intenção era boa, mas não disseram nada mais um ao outro. [...]”



Créditos: Imagem gerada com Inteligência Artificial, 2026.



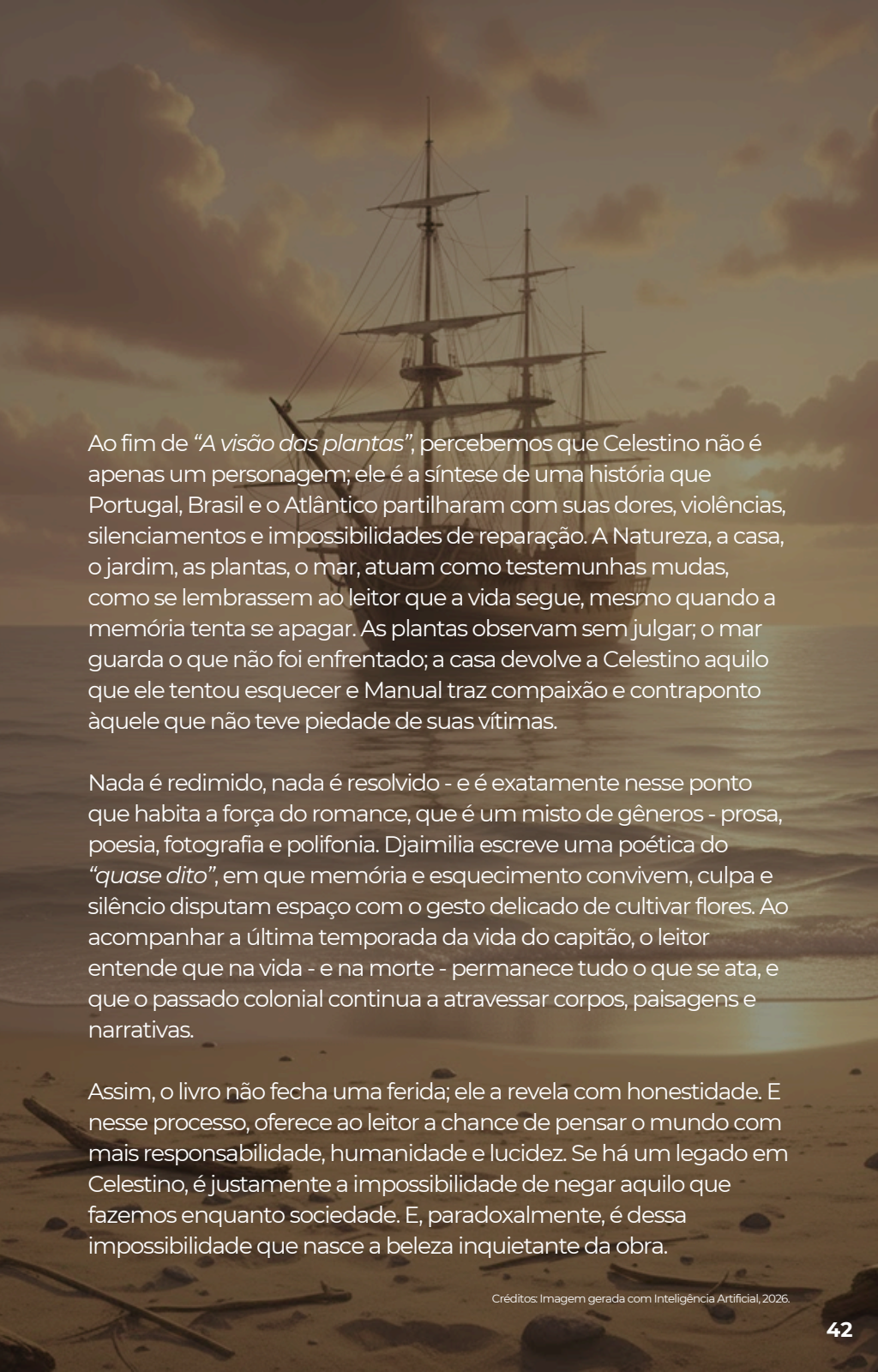
A cena é de uma poesia exuberante, pois há a imagem do velho solitário, que viveu da brutalidade, contrastando com a compaixão de um jovem, solidário, que procura estar presente, mesmo que em poucas situações, na vida de alguém que não participa ativamente da vida social.

Manuel, é o último a vê-lo em vida, que se despede do mundo, em sua cama, na casa em que fora de seus pais, e rodeado pelo jardim, que lhe daria as flores para sua sepultura.

“[...] As rosas, os cravos, os abetos, a ameixoeira, ainda não sabiam que seu amigo tinha morrido [...] Alfredo contemplou o raio de luz que, iluminando as folhas, refletiu no orvalho sobre as flores, os frutos, os espinhos. ‘Meu pequeno pirata’ [...]”

Créditos: Imagem gerada com Inteligência Artificial, 2026.

HIBRIDISMO ESTÉTICO:
*ENTRE O MAR, A TERRA
E A MEMÓRIA*



Ao fim de “*A visão das plantas*”, percebemos que Celestino não é apenas um personagem; ele é a síntese de uma história que Portugal, Brasil e o Atlântico partilharam com suas dores, violências, silenciamentos e impossibilidades de reparação. A Natureza, a casa, o jardim, as plantas, o mar, atuam como testemunhas mudas, como se lembrassem ao leitor que a vida segue, mesmo quando a memória tenta se apagar. As plantas observam sem julgar; o mar guarda o que não foi enfrentado; a casa devolve a Celestino aquilo que ele tentou esquecer e Manual traz compaixão e contraponto àquele que não teve piedade de suas vítimas.

Nada é redimido, nada é resolvido - e é exatamente nesse ponto que habita a força do romance, que é um misto de gêneros - prosa, poesia, fotografia e polifonia. Djaimilia escreve uma poética do “*quase dito*”, em que memória e esquecimento convivem, culpa e silêncio disputam espaço com o gesto delicado de cultivar flores. Ao acompanhar a última temporada da vida do capitão, o leitor entende que na vida - e na morte - permanece tudo o que se ata, e que o passado colonial continua a atravessar corpos, paisagens e narrativas.

Assim, o livro não fecha uma ferida; ele a revela com honestidade. E nesse processo, oferece ao leitor a chance de pensar o mundo com mais responsabilidade, humanidade e lucidez. Se há um legado em Celestino, é justamente a impossibilidade de negar aquilo que fazemos enquanto sociedade. E, paradoxalmente, é dessa impossibilidade que nasce a beleza inquietante da obra.

PERSONAGENS DE *“A VISÃO DAS PLANTAS”*



- **Capitão Celestino** - protagonista; pirata, corsário, traficante de escravos que volta para sua vila natal, após a decadência da comercialização de escravizados negros, para morrer.

- **Manuel** - simboliza a humanidade, o afeto, contrapondo-se ao Celestino; o jovem é o último a ver o capitão com vida.



- **Casa** - personagem metafórico - representa o passado e o presente para o qual Celestino retorna para morrer.

- **Padre Alfredo** - Representa o catolicismo, a busca por contrição.





- **Fantasma da menina holandesa** - morta por Celestino, aos oito (8) anos; foi deixada para morrer por ele, amarrada em uma árvore, com os olhos vendados.

- **Cozinheira** - foi assassinada por Celestino, na juventude dele, simbolizando a violência e a escravidão.



- **As crianças e os moradores do vilarejo** - curiosas, queriam ouvir as histórias do pirata, ainda que tivessem medo dele. Traduzem o imaginário que cerca a vida de Celestino como corsário. Os adultos, por outro lado, ou temiam o capitão, ou criavam narrativas absurdas a respeito de sua vida obscura no mar.

- **Médico** - decreta, oficialmente, a morte de Celestino.



Créditos: Imagens geradas com Inteligência Artificial, 2026.

- **Raul** - personagem que é citado em forma de homenagem Raul Brandão, autor de “Os pescadores”, livro em que Celestino aparece pela primeira vez em 1923.



Créditos: Wikimedia Commons, 2025.



- **Mar** - exprime o passado onde Celestino fez sua vida como pirata.

- **Capitão Nuno** - pai de Celestino, que morreu no mar.



- **Mãe de Celestino** - citada, somente como uma lembrança, ao longo da narrativa.

Créditos: Imagens geradas com Inteligência Artificial, 2026.

CONTEXTO HISTÓRICO

Portugal

- **1444** - Primeiro leilão oficial de africanos escravizados em Lagos, Algarve, organizado por portugueses.
- **1455** - Bula papal *Romanus Pontifex* autoriza Portugal a escravizar “sarracenos e pagãos” encontrados na África.
- **1482** - Fundação da Fortaleza de São Jorge da Mina (atual Gana), principal ponto de comércio de escravizados para Portugal.
- **1515** - Primeiros africanos escravizados chegam a Lisboa em grande número, marcando a presença da escravidão urbana em Portugal.

África

- **Séculos 16 a 19** - Diversos reinos africanos (como o do Congo, Benim, Oyo e Daomé) participam do comércio de escravizados, ora como intermediários, ora como vítimas.
- **1482-1885** - Fortalezas e “feitorias” portuguesas e de outras potências europeias se espalham pelo litoral africano, facilitando o tráfico.
- **1836** - Portugal proíbe oficialmente o tráfico de escravizados para o Brasil, mas o comércio clandestino continua por mais alguns anos.

Brasil

- **1530-1540** - Primeiros africanos escravizados chegam ao Brasil, trazidos por portugueses para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar.
- **1690-1750** - Auge do ciclo do ouro em Minas Gerais; aumento do tráfico de africanos para o trabalho nas minas.
- **1826** - Tratado entre Brasil e Inglaterra prevê o fim do tráfico negreiro; o Brasil só começa a cumprir de fato anos depois.
- **1831** - Lei brasileira proíbe o tráfico de africanos, mas a lei não é respeitada.
- **1850** - Lei Eusébio de Queirós efetivamente proíbe o tráfico negreiro no Brasil.
- **1888** - Lei Áurea extingue a escravização no Brasil.

AUTORA CONTEMPORÂNEA -
*POESIA, FILOSOFIA,
MEMÓRIA E FOTOGRAFIA*

Djaimilia Pereira de Almeida é escritora e professora, nascida em Luanda, Angola, e radicada em Portugal. Autora premiada, destaca-se por narrativas que entrelaçam memória, identidade e questões pós-coloniais, com destaque para “*A visão das plantas*”, vencedor do prêmio Oceanos. Seu estilo é poético, sensível e potente, sempre convidando o leitor a refletir sobre o passado e o presente.

“*A visão das plantas*” é uma obra que marca muito a interdisciplinaridade. Tendo isso em vista, é possível que bancas como FUVES e UFRG, solicitem questões que envolvam História, Filosofia, Biologia, Geografia, Sociologia, para discutir desde violência colonial, escravização, ética, partindo, inclusive, da subjetividade do capitão, quanto o que envolve a parte de botânica. Então, a sugestão é estudar o contexto histórico, a geografia do período e outros temas envolvidos no processo da escravização e da universalização da conduta humana.



LISTA DE FIGURAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. (capa) Representação do Celestino sentado no jardim com suas memórias. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
2. (p. 8) Representação do Celestino em pé de frente para o mar. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
3. (p. 9) Representação do Celestino em pé na frente da casa. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
4. (p. 11) Representação do Celestino olhando para o mar. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
5. (p. 13) Uma família brasileira por Jean Baptiste, 1839. Wikimedia Commons, 12 ago. 2016. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:A_Brazilian_family_in_Rio_de_Janeiro_by_Jean-Baptiste_Debret_1839.jpg.
6. (p. 16) Representação do Celestino sentado no jardim com suas memórias. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
7. (p. 19) Representação do jardim do Celestino. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
8. (p. 24) Representação do jardim do Celestino. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
9. (p. 26) Representação da casa. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
10. (p. 27) Representação da casa. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
11. (p. 29) Representação do mar. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
12. (p. 30) Representação da praia. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
13. (p. 33) Representação do jardim de frente para a praia. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
14. (p. 34) Representação do jardim de frente para a praia. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
15. (p. 36) Representação da menina holandesa. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
16. (p. 37) Representação da cozinha. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
17. (p. 39) Representação do Manuel. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
18. (p. 40) Representação do Manuel e Celestino na praia. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
19. (p. 42) Representação de um navio visto da praia. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
20. (p. 44) Representação do Celestino. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
21. (p. 44) Representação do Manuel. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
22. (p. 44) Representação da casa. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
23. (p. 44) Representação do Padre Alfredo. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
24. (p. 45) Representação da menina holandesa. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
25. (p. 45) Representação da cozinheira. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
26. (p. 45) Representação das crianças e moradores do vilarejo. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
27. (p. 45) Representação do Médico. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
28. (p. 46) Paul Brandão. Wikimedia Commons, 30 out. 2005. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paul_Brandao2.jpg.
29. (p. 46) Representação do mar. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
30. (p. 46) Representação do pai de Celestino. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
31. (p. 46) Representação da mãe de Celestino. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
32. (p. 46) Representação de Djaimilia Pereira. Gerada por Inteligência Artificial do Canva em fevereiro de 2026.
33. (p. 52) Representação do Celestino em pé na frente da casa. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.
34. (p. 56) Representação do Celestino. Gerada por Inteligência Artificial do Gemini em fevereiro de 2026.

OBRAS

- ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **A visão das plantas**. São Paulo: Todavia, 2021.
- DUNKER, Christian; SUY, Ana. **Eu só existo no olhar do outro?** São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.
- FUVEST. **Fuvest 2026 – cadernos de questões**. Disponível em: <https://www.fuvest.br/fuvest2026-fase2-dia1-prova.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2026.
- EU SÓ EXISTO NO OLHAR DO OUTRO? [S.l.: s.n.], [s.d.]. 1 vídeo (YouTube). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qj-CklbqMAM>. Acesso em: 20 jan. 2026.
- TRAYERSIM, Gabriela. Observando de perto as plantas de Djaimilia. Blog Uirapuru, 28 fev. 2024. Disponível em: <https://www.bloguirapuru.com/post/observando-de-perto-as-plantas-de-djaimilia>. Acesso em: 20 jan. 2026.
- ACIOLI, Socorro. Djaimilia e "A visão das plantas": o que se ata em vida na morte não se desata. Pernambuco – Um jornal de literatura e reflexões sobre o contemporâneo, Recife, [s.d.]. Disponível em: <https://www.pernambucorevista.com.br/acervo/ressenhas/2660-djaimilia-e-a-vis%C3%A3o-das-plantas-o-que-na-vida-se-ata-na-morte-n%C3%A3o-se-desata.html>. Acesso em: 20 jan. 2026.
- NUNES, Daniela Leite. Livros Fuvest 2026: "A visão das plantas". Instituto Claro, 29 ago. 2025. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/para-ensinar/planos-de-aula/livros-fuvest-2026-a-visao-das-plantas/>. Acesso em: 20 jan. 2026.

BANCO DE QUESTÕES, COM GABARITO COMENTADO

DESVENDANDO “A VISÃO DAS PLANTAS”

por Crís Oliveira



Créditos: Imagem gerada com Inteligência Artificial, 2026.

1. Na obra “A Visão das Plantas”, de Djaimilia Pereira de Almeida, o Capitão Celestino dedica seus últimos dias a um jardim. Sobre a perspectiva das plantas em relação ao seu cuidador, assinale a alternativa correta.

- a) As plantas são descritas como seres que julgam a moralidade do jardineiro.
- b) O jardim floresce apenas quando Celestino demonstra remorso por suas ações.
- c) As plantas tratam o cuidado de Celestino como a chuva, sendo indiferentes à sua crueldade passada.
- d) Celestino consegue redenção divina através da admiração da vizinhança.
- e) O jardim é um refúgio que apaga completamente as memórias das vítimas.

2. Nenhuma flor lamentava a morte dos escravos que Celestino sufocara em mar alto. Os homens despejaram a cal no porão, saco a saco. Os negros viram que um pó caía sobre eles, mas não entenderam o que se passava. Os sacos de cal foram vazados no porão e a porta fechada por Celestino. Ouviram-se gemidos, pedidos de socorro e, passado algum tempo, um silêncio que apaziguou os piratas. O rapaz que lhes abriu o porão pela calada manteve-se a um canto, aturdido. Entreolhando-se, buscaram na cara uns dos outros um sinal de que podiam voltar a falar. O capitão sorriu, como se estivesse sozinho. Asfixiados, os sessenta e poucos negros que restavam depois da revolta sucumbiram aos vapores corrosivos da cal. Celestino abeirou-se da proa, sem olhar a mortandade. De olho no horizonte que espreitava, ao nascer do dia, sorveu a maresia. [...] Adormecia de pé, trauteava cantigas da juventude, sonhava de olhos abertos. Os relâmpagos caíram sem clemência no último Outono. Parecia que a velha casa da rua dos choupos era a última casa habitada no mundo, ou uma balsa esquecida nas ondas, ou o porão de escravos de um navio à deriva. Os seus braços, despedidos do dono, esboçavam gestos de marinhar como se, por reflexo, os trovões desencadeassem uma arte antiga, guardada debaixo da sua pele. Deixou de usar a pala, sem vergonha da cara desfigurada. No quintal, não se julgava no mar onde tinha navegado, mas num mar outro, sem homens e sem tempo. *Djaimilia Pereira de Almeida. A visão das plantas. Adaptado.*

Nos excertos apresentados, Celestino é retratado em dois momentos distintos de sua vida.

- a) Compare a sua atitude diante dos atos de violência em sua juventude e o seu estado psicológico na velhice.
- b) Explique a relação simbólica entre o espaço do navio e o espaço da casa, tendo em vista a transformação do “mar onde tinha navegado” em um “mar outro, sem homens e sem tempo”.

3. As plantas viam o jardineiro como as plantas vêem. Não se sentiam agradecidas. Tratavam o seu regador à semelhança da chuva que caía sobre elas nas noites de Outono. Florescerem não era o seu meio de meterem conversa com o jardineiro, mas uma forma de acentuarem a sua indiferença à declaração de amor que ele cultivava a cada hora. Tanto lhes fazia serem cuidadas por um assassino, se eram sujas as mãos que as amparavam ou o que viera antes do amor que ele lhes dedicava. Seguiam-no com o seu olhar sem julgamento, alheias a que, todas as manhãs, Celestino acordava por elas. Vígiavam os seus passos, pressentiam a sua presença, alegravam-se de o ver, conheciam as suas rotinas. Sem que por um instante lhe sentissem a falta, ou se afligissem com as suas ausências ocasionais. *Djaimilia Pereira de Almeida. A visão das plantas.*

Considerando o trecho citado, depreende-se que o “olhar sem julgamento”:

- a) expressa a piedade do jardim diante da condição de Celestino, que se encontra próximo da morte.
- b) expressa o terror das plantas por serem cuidadas por um criminoso que carrega atos extremos de violência praticados em seu passado.
- c) evidencia que a natureza está alheia às ações e sentimentos humanos, existindo à revelia da humanidade.
- d) é a retribuição ao cuidado cotidiano que as plantas recebem, reconhecendo que Celestino se redimiou de seu passado.
- e) evidencia a integração do jardineiro com o jardim, na medida em que dependem naturalmente um do outro para sobreviverem.

GABARITO COMENTADO

1. A alternativa correta é a letra C. Essa alternativa sintetiza o núcleo da metáfora do livro: para as plantas, Celestino é fonte de água e cuidado, não um sujeito moral. O passado violento do capitão - o tráfico de pessoas, os assassinatos, o porão com cal - não pesa para elas. Seu cuidado é percebido como um fenômeno natural, como “a chuva”: algo que faz crescer, mas que não é moralmente avaliado. As plantas não agradecem, não sentem falta, não lamentam seus mortos. Elas apenas crescem.

2.

a) Na juventude, Celestino demonstrava um distanciamento frio e calculado da violência que cometeu. Após sufocar os escravos, ele se “apazigua” com o silêncio e olha o horizonte, sem se abalar com a “mortandade”. Na velhice, contudo, a sua atitude é de tormento. Os trovões evocam memórias da “arte antiga” de marinhar, e o seu estado de espírito o faz sentir a sua casa como o “porão de escravos de um navio à deriva”, sugerindo que o passado o persegue.

b) A casa do protagonista na velhice se torna uma projeção de seu passado traumático, sentida como “o porão de escravos de um navio à deriva”. O silêncio do porão, resultado da “mortandade” que ele causou, é substituído pelo ruído dos trovões, que “desencadeiam uma arte antiga, guardada debaixo da sua pele”, ou seja, a memória de seus atos. O “mar onde tinha navegado”, espaço de suas ações, transforma-se no “mar outro, sem homens e sem tempo”, sendo o espaço da consciência e do isolamento, onde ele é forçado a confrontar a sua história.

3. A resposta correta é a alternativa C. O excerto destaca claramente a indiferença das plantas em relação ao Capitão Celestino, apesar de todo o desvelo que ele tinha por elas: “Não se sentiam agradecidas. Tratavam o seu regador à semelhança da chuva que caía sobre elas nas noites de Outono. [...] Sem que por um instante lhe sentissem a falta, ou se afligissem com as suas ausências ocasionais.”

TEMA DE REDAÇÃO

EXCLUSIVO



TEXTOS PARA O EIXO I – FILOSOFIA, PENSAMENTO DECOLONIAL E CRÍTICA SOCIAL

“A modernidade europeia criou a ilusão de que seus valores eram universais. A decolonialidade busca justamente desfazer essa ficção: mostrar quem pôde falar e quem foi silenciado. O silêncio do subalterno não é natural, é produzido.” **Walter Mignolo, *A ideia de América Latina* (2005)**

“A voz do subalterno não é apenas inaudível; ela é impossibilitada. O problema não é ‘por que falam?’, mas ‘quem impede que sejam ouvidos?’” **Gayatri Spivak, *Pode o subalterno falar?* (1988)**

“O colonizado é fabricado como ausência. Para existir, precisa romper o espelho que o colonizador lhe oferece.” **Frantz Fanon, *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952)**

Eixos de reflexão:

- Silenciamento estrutural e produção histórica do “subalterno”.
- A linguagem como campo de poder.
- Colonialidade como estrutura persistente.

TEXTOS PARA O EIXO II – LITERATURA, ARTE E SUBJETIVIDADE DECOLONIAL

“Não sei de que África me despeço: daquela que existe ou daquela que inventaram para mim.” **Conceição Evaristo, *Poemas da Recordação* (2008)**

“O lugar de fala é o reconhecimento de que cada experiência produz saberes. Silenciar alguém é invisibilizar seu mundo.” **Djamila Ribeiro, *Lugar de Fala* (2017)**

“A narrativa colonial apagou povos inteiros. A literatura pode voltar a acender esse fogo.” **Eliane Potiguara, *entrevista* (2019)**

Eixos de reflexão:

- A literatura como instrumento de reescrita da história.
- Autoria e autonomia de grupos marginalizados.
- Subjetividade como espaço de resistência.

TEXTOS PARA O EIXO III – POESIA, IDENTIDADE E MEMÓRIA

“Escrevo porque nossos mortos exigem. E porque a palavra é o primeiro território que recuperamos.” **Conceição Evaristo, *entrevistas sobre escrevivência***

“Se me tiram a língua, invento outra. Se me tiram o nome, me batizo de novo.” **Ryane Leão, *Tudo nela brilha e queima* (2017)**

Eixos de reflexão:

- A como língua da resistência.
- A palavra como território político.
- A escrita como reconstrução de si.

TEXTOS PARA O EIXO IV - DADOS, REALIDADE SOCIAL E APAGAMENTO CONTEMPORÂNEO

Segundo a ONU (Relatório 2024), populações negras, indígenas e migrantes seguem entre os grupos menos representados em espaços de poder.

Dados IBGE e TSE (2023-2024):

- Pessoas negras: 56% da população, mas apenas 24% dos parlamentares.
- População indígena: menos de 1% de representatividade política.

Estudo do The Guardian (2023):

- Os autores do Sul Global representam menos de 10% do mercado editorial ocidental.

Eixos de reflexão:

- Invisibilidade como resquício do colonialismo.
- Representação política e midiática como espaço de disputa.
- Quem narra a história no presente?

INSTRUÇÃO DA RESPOSTA – FUVEST 2027

Com base na leitura dos textos e em seus conhecimentos, redija um texto dissertativo-argumentativo, no qual seja exposto seu ponto de vista sobre o tema

Decolonialidade: pode o subalterno falar?

Formule uma tese clara, desenvolva argumentos consistentes e conclua com coerência.

Use repertórios filosóficos, históricos, sociológicos, artísticos e literários quando pertinente.

SUGESTÕES DE REPERTÓRIO SOCIOCULTURAL

- **Gayatri Spivak** – Pode o subalterno falar? Teórica indiana. Demonstra que o subalterno é impedido de existir como sujeito político. O silenciamento é estrutural, não acidental.
- **Frantz Fanon** – Os condenados da terra Filósofo martinicano. Analisa a desumanização do colonizado e a ruptura necessária para retomada da voz.
- **Achille Mbembe** – Necropolítica Filósofo camaronês. Explica como poderes coloniais decidem quem tem valor, quem pode viver e quem pode falar.
- **Walter D Mignolo** – pensamento decolonial latino-americano Critica o universalismo europeu e propõe epistemologias alternativas, produzidas fora do eixo Europa-EUA.
- **Ailton Krenak** – cosmologia indígena e crítica ao progresso Líder indígena defende modos de vida não coloniais, baseados em equilíbrio e coletividade.
- **Conceição Evaristo** – escritora Escrita que nasce da vivência de mulheres negras. Voz como memória, resistência e existência.
- **Djamila Ribeiro** – lugar de fala Autores de grupos oprimidos têm legitimidade epistêmica para falar de suas experiências.
- **Filme Bacurau (2019)** – Alegoria de um povo que resiste ao apagamento e retoma sua narrativa.
- **Série Atlanta** – Mostra as dificuldades de afirmação cultural de jovens negros em uma sociedade que legitima o mainstream branco.
- **Relatórios ONU/PNUD (2022-2024)** – Apontam sub-representação persistente de minorias em decisões globais.
- **Dados do Brasil (IBGE/TSE, 2023-2024)** – Negros e indígenas seguem invisibilizados em cargos de poder.
- **Literatura indígena contemporânea (Potiguara, Munduruku)** – Narrações que recuperam cosmologias apagadas e resgatam memórias coletivas.
- **Movimento editorial decolonial (2015-2024)** – Editoras independentes ampliam vozes marginalizadas e contestam o cânone tradicional.

O QUE SERÁ VALORIZADO PELA BANCA?

A banca valorizará: compreensão profunda da decolonialidade. Mostrar que é um projeto crítico, não uma opinião sobre “voz”:

- **Análise estrutural:** discutir políticas de silenciamento, representatividade e poder.
- **Tese clara:** responder à pergunta sem rodeios.
- **Repertório bem usado:** textos que mobilizem Spivak, Fanon, Mbembe, Mignolo, Krenak, Evaristo, Djamila, ONU, literatura indígena, etc., de forma orgânica.
- **Capacidade de relacionar passado colonial e presente:** mostrar como estruturas coloniais permanecem na sociedade contemporânea.
- **Conclusão coerente:** fechar o texto mostrando uma implicação ética, política ou social.

Serão prejudicados textos que:

- confundirem “voz” com opinião individual;
- tratem o tema apenas como moralidade;
- citarem repertórios sem relação com a tese;
- não apresentarem estrutura clara.

Os melhores textos problematizam o tema com maturidade, conectando opressão histórica, linguagem, identidade, política e representação.

PROPOSTA DE REDAÇÃO 2 - Carta das Plantas para Celestino

Você leu, ao longo deste material, as reflexões sobre o romance *A visão das plantas*, de Djaimilia Pereira de Almeida, em que acompanhamos o capitão Celestino, antigo corsário e traficante de pessoas escravizadas, em seus últimos dias de vida, cuidando de um jardim exuberante. Nesse espaço, as plantas crescem em silêncio, sem julgar o passado do jardineiro, enquanto fantasmas de seu passado colonial - como a menina holandesa e a cozinheira - insistem em reaparecer.

Considerando a discussão sobre memória, violência, escravidão, decolonialidade e responsabilidade histórica, imagine agora que as plantas do jardim resolvessem escrever uma carta ao próprio Celestino.

TAREFA

Redija uma carta argumentativa, em 1ª pessoa do plural, na qual o interlocutor deverá ser “nós, plantas do jardim de Celestino”, dirigindo-se diretamente a ele para:

- solicitar que ele reconheça e se arrependa verdadeiramente das atrocidades cometidas no passado como capitão de navio negreiro;
- argumentar que apenas esse reconhecimento profundo pode permitir que ele se despeça dos fantasmas que o assombram (a menina holandesa e a cozinheira negra);
- relacionar essa necessidade de arrependimento às ideias de decolonialidade, mostrando como o passado colonial continua a reverberar no presente;
- trazer, quando pertinente, fatos históricos sobre o tráfico de africanos escravizados entre África, Portugal e Brasil, e suas consequências até hoje.

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS

• Pessoa gramatical e máscara enunciativa

A carta deve ser escrita em 1ª pessoa do plural (nós) - somos as plantas do jardim que falam a Celestino. Exemplo do início da frase: “Nós, que crescemos em teu quintal...”
“Nós, que assistimos em silêncio aos teus dias finais...”

• Estrutura formal da carta argumentativa

Sua carta deve conter: Local e data (podem ser ficcionais, mas coerentes com a narrativa). Ex.: “Vila de pescadores, às margens do Atlântico, fim do século XIX.”

- **Vocativo:** saudação ao destinatário. Ex.: “Querido capitão Celestino,” ou “Capitão Celestino”.
 - **Introdução:** apresentar quem escreve (as plantas) e o motivo da carta: falar sobre o passado dele e a necessidade de arrependimento.
 - **Desenvolvimento:** defender a tese de que ele precisa encarar o passado e reconhecer a violência cometida para, de fato, se despedir de seus fantasmas. Usar argumentos históricos, éticos e decoloniais, sempre em tom respeitoso e reflexivo.
 - **Conclusão:** retomar o pedido de arrependimento, indicando que só assim o jardim, o mar e a memória poderão, de algum modo, encontrar alguma forma de paz.
 - **Despedida e assinatura:** Ex.: “Com o silêncio que tudo viu, / Nós, plantas do teu jardim.”
-
- **Tom e linguagem**
 - A carta deve ter tom argumentativo, respeitoso e não agressivo.
 - Evite insultos, acusações diretas ou ironias.
 - Use linguagem clara, objetiva e compatível com um contexto formal-literário, ainda que a carta seja ficcional.

- **Conceitos a serem integrados na argumentação**

Ao longo da carta, procure articular:

- **Decolonialidade:** mostrar que o passado de Celestino não é apenas individual, mas parte de uma história colonial maior, que envolveu o sequestro e o tráfico de milhões de pessoas africanas. Sugerir que reconhecer essa história é um passo para romper com a lógica que tratava essas vidas como “coisas”, e não como pessoas.
- **Silenciamento e subalternidade:** lembrar que por muito tempo, os gritos das pessoas escravizadas foram apagados, tanto no mar quanto na terra. As plantas podem mencionar que, embora silenciosas, “viram” esse apagamento acontecer.
- **Fatos históricos (de modo sintético):** referir-se ao transporte de africanos para o Brasil e outras partes das Américas; as condições de viagem nos porões dos navios; a continuidade das desigualdades e do racismo após o fim formal da escravidão.

- **Possíveis caminhos de argumentação**

Você pode, por exemplo:

- Lembrar a Celestino que, mesmo cuidando das flores, ele jamais pediu perdão às vidas que ajudou a destruir.
- Argumentar que o jardim que ele cultiva só pode ser verdadeiramente um lugar de vida se ele reconhecer a morte que causou.
- Sugerir que, assim como as raízes das plantas alcançam camadas profundas da terra, a memória das pessoas escravizadas também permanece, mesmo quando se tenta enterrá-la.
- Indicar que o arrependimento não apaga o passado, mas impede que ele continue a ser negado, o que é um passo importante no caminho da decolonialidade.

LEMBRE-SE

- A carta deve ser escrita em 1ª pessoa do plural, representando as plantas.
- Você deve mostrar conhecimento do enredo de A visão das plantas e dos debates históricos e decoloniais.
- O tom deve ser argumentativo, sereno e persuasivo, nunca agressivo.

SOBRE A AUTORA

Cris Oliveira é daquelas mulheres que transformam palavras em potência. Educadora, empreendedora, comunicadora — ela é a mente e o coração por trás da Cris Oliveira - Tudo de Texto - Soluções Educacionais e para a Escrita, uma empresa que, desde 2014, vem revolucionando a forma como milhares de pessoas se relacionam com a escrita.

Com uma trajetória marcada pela coragem de criar e inovar, Cris Oliveira construiu uma plataforma de conhecimento acessível, afetiva e altamente eficaz. Seu trabalho vai muito além do ensino tradicional: ela forma sujeitos pensantes, afia vozes, prepara futuros. Já são mais de duas décadas e meia ensinando Língua Portuguesa, Literatura e Redação, com uma paixão que atravessa salas de aula, vídeos, livros, cursos e mentorias.

Sim, muitos a chamam de “a professora de redação”. Mas Cris Oliveira é mais: é uma mulher que lidera, que empreende, que abre espaço onde antes faltava representatividade. Ela é a voz firme que ensina a encontrar a própria voz - em um vestibular, em um concurso, em uma reunião, ou em um texto que muda vidas.

Graduada em Letras, com diversas pós-graduações em áreas como Design Instrucional, Produção Textual e Neurociência para a Educação, fez recentemente MBA em Digital Business pela USP/Esalq, ampliando ainda mais sua visão estratégica. O que antes era apenas paixão por ensinar, virou missão de vida e modelo de negócio: uma mulher à frente, levando outras e outros consigo.

Já esteve em grandes corporações como Bosch, BMW, Voith e Mercedes Benz, ensinando comunicação oral e escrita e formando profissionais com excelência. Participou da criação de provas, escreveu livros, corrigiu redações - viveu, por dentro, os bastidores das grandes avaliações do país.

É com essa bagagem que te fazemos esse convite: venha aprender a se comunicar com clareza, confiança e autenticidade. Porque em tempos de inteligência artificial, o que nos diferencia é a alma que colocamos em cada palavra. Escrever bem tem que ser para todo mundo.



Cris Oliveira®

TUDO DE TEXTO

SOLUÇÕES EDUCACIONAIS
E PARA A ESCRITA

Treinamentos
Educação Digital
Português e Redação
Concursos e Vestibulares
Produção de Materiais Didáticos Digitais

CONTATOS



tudodetexto.com.br/



[@crisoliveira.tudodetexto](https://www.instagram.com/crisoliveira.tudodetexto)



[@crisoliveira.tudodetexto](https://www.youtube.com/c/crisoliveira.tudodetexto)



[\(11\) 99152-6910](https://api.whatsapp.com/send?phone=991526910)



[@crisoliveira.tudodetexto](https://www.facebook.com/crisoliveira.tudodetexto)



[@cristudodetexto](https://www.linkedin.com/company/cristudodetexto)



crisoliveira@tudodetexto.com.br

ISBN: 978-65-02-03364-7

CDL



9 786502 033647